



## **INTOLERÂNCIA À LACTOSE EM FILHOTES DE SAGÜI-DE-TUFO-PRETO (*Callithrix penicillata*) ALEITADOS ARTIFICIALMENTE NO CATIVEIRO**

Lilian Rose Marques de Sá<sup>1</sup>, Livia Botár<sup>2</sup>, Maria Irma Seixas Duarte<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo. Av. Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, 87 – Cidade Universitária 05508-000, São Paulo, SP. End. eletrônico: [liliansa@osite.com.br](mailto:liliansa@osite.com.br)

<sup>2</sup> Associação Mucky de Proteção aos Primatas, Rua José Claro de Oliveira, 62 – Medeiros – Jundiaí – SP 13212-293. End. eletrônico: [mucky@uol.com.br](mailto:mucky@uol.com.br)

<sup>3</sup> Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. Av. Dr. Arnaldo, 455 - 1º andar, sala 1119. CEP: 01246-903 – Cerqueira César – SP. End. eletrônico: [miduarte@usp.br](mailto:miduarte@usp.br)

O sucesso da manutenção e reprodução de primatas neotropicais em cativeiro é dependente da somatória de conhecimentos a respeito da biologia, taxonomia, fisiologia e patologias desse grupo de animais em suas diversas fases de vida. No entanto, as causas de morbidade e mortalidade no período neonatal, até 1 mês de vida, são limitadas. Este fato, em grande parte, dificulta os programas de reprodução de espécies ameaçadas desenvolvidos nos zoológicos, centros de primatologia e criatórios conservacionistas. Utilizando-se critérios clínicos, laboratoriais e terapêuticos pode-se chegar ao diagnóstico de patologias não diagnosticadas anteriormente. O objetivo deste trabalho é relatar pela primeira vez o diagnóstico de intolerância à lactose em filhotes de sagüi-de-tufo-preto mantidos em cativeiro. Dois filhotes gêmeos não apresentavam ganho de peso satisfatório quando estavam sendo aleitados naturalmente na mãe, nem quando passaram a ser aleitados com sucedâneo de leite contendo lactose. O peso ao nascimento era 29g e 35g, para o macho e fêmea, respectivamente. Após 15 dias de aleitamento, o peso oscilava em 37g (M) e 43g (F) e apresentavam diarreia intermitente. O exame direto das fezes revelou presença de grande quantidade de gordura neutra, caracterizando esteatorréia. A dieta foi, então, alterada e o sucedâneo de leite sem lactose (Leite O'Lac<sup>®</sup>) introduzido. Após dois dias de mudança, ocorreu ganho de peso progressivo chegando, em 15 dias após alteração, a pesos de 67g (M) e 80g (F). Houve completo desaparecimento da esteatorréia em aproximadamente 10 dias após a retirada da lactose. As alterações clínicas de falha de ganho de peso, diarreia intermitente e esteatorréia são semelhantes as descritas em crianças com deficiência congênita de lactase, sendo o tratamento e diagnóstico final a retirada do leite materno e utilização de sucedâneo sem lactose. Assim, a avaliação clínica sistemática, aliada a exames laboratoriais rotineiros, permite o diagnóstico de doenças como deficiência de lactase e, conseqüentemente, aumenta a sobrevivência de filhotes mantidos em cativeiro. Comenta-se, ainda, com relação a manutenção de indivíduos portadores de deficiência, como aqui descrita, a fundamental retirada dos pais e desses sagüis do programa de reprodução.